EDUCAÇÃO

HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO GÊNERO TEXTUAL E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

SÔNIA M. M. GAZETTA, mestre em Linguística Aplicada pela UNICAMP, coordenadora dos cursos de Letras e Tradutor e Intérprete no UNASP, campus Engenheiro Coelho, sonia.gazeta@unasp.edu.br

VANESSA C. SOBRINHO, graduada em Letras pelo UNASP, campus Engenheiro Coelho, vanessa.sobrinho@hotmail.com

Resumo: Objetivou-se nesta pesquisa realizar um estudo sobre os gêneros textuais dando uma maior ênfase ao gênero história em quadrinhos. Através de dados bibliográficos, busca-se relacionar qual a influência dos quadrinhos no desenvolvimento da leitura e da escrita do aluno do Ensino Fundamental. Analisou-se, também, por meio de um levantamento entre os alunos de 5ª e 7ª séries, o interesse e as dificuldades que eles possuem nessas competências. Durante a pesquisa bibliográfica realizada, foi constatado que o conceito de gênero textual é um assunto desconhecido da maioria dos docentes, mesmo este tema sendo, atualmente, motivo de preocupação crescente quanto à sua abordagem que, por sua vez, se dá devido à necessidade de se desenvolver as mais diversas competências discursivas do aprendiz.

Palavras-chave: Gênero textual, história em quadrinhos, leitura e escrita, desenvolvimento do aluno.

COMICS AS A TEXT GENDER AND THE IMPROVEMENT OF THE READING AND OF THE WRITING

Abstract: It was the purpose of this paper to perform a study about textual genre, focusing on comics gender. The research was conducted relating, through data, the influence of the comic strips in the improvement of reading and writing of the student in Elementary School. It was also analyzed, using a survey among students in fifth and seventh grades, the concern and

the difficulties that they have in reading and writing. During the bibliographic research, it was verified that the term text gender is a subject unknown to the majority of the teachers. However, nowadays there is being a growing interest related to the approach to this term, thanks to the need to develop the many linguistic abilities of the student.

Keys-words: Text gender, comics-cartoons, reading and writing, student improvement.

Introdução

Devido à grande necessidade que se tem quanto a desenvolver a escrita na educação do Ensino Fundamental há, atualmente, inúmeros estudos a respeito dos gêneros textuais, principalmente quanto à classificação dos tipos de discurso.

O objetivo deste artigo não é discutir o imenso número de critérios e características para a classificação dos gêneros, mas sim descrever o que é um gênero textual, pesquisar alguns dados históricos e, por fim, através de um levantamento realizado em bibliografias e também entre alunos do Ensino Fundamental, fazer uma análise do gênero textual história em quadrinhos. Para tanto, é levada em consideração neste trabalho, a influência do letramento dos alunos, importância essa que deve abranger as mais diversas situações a que eles sejam submetidos.

Letramento conforme definição de Soares (1999, p. 3, *apud* Bagno, Gagné e Stubbs, 2002, p. 52) é o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Bagno, Gagné e Stubbs (2002, p. 52) ainda propõem um ensino de língua que tenha o objetivo de levar o aluno a adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado, isto é, desenvolver nele um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhes permitam fazer o maior e mais eficiente uso possível das capacidades técnicas de ler e escrever.

Uma vez que a escola é responsável pela formação intelectual do aluno, é essencial analisar a importância que ela deve estabelecer para o tratamento dos gêneros textuais, com destaque à nossa abordagem das histórias em quadrinhos. É importante enfatizar que trabalhar com os gêneros textuais significa colocar o aluno diante de diversas situações, além de ser uma maneira de torná-lo apto para escolher como ele vai se suportar ao ter que elaborar um discurso, seja ele formal ou informal.

O aprendiz deve assumir a diversidade de textos presentes na sociedade, escritos estes materializados em diversos gêneros (Secretaria de Estado de Educação – Escola Ciclada de Mato Grosso, 2000). Essa disparidade deve fazer parte da realidade intelectual do discente, algo que somente irá contribuir para a sua formação. Sendo assim, como resultado da divulgação e importância dada a esse aspecto textual na atualidade é que esse estudo foi por nós proposto e desenvolvido.

Gêneros textuais

O estudo dos gêneros textuais tem sido alvo de muitas análises; atualmente, é um assunto bastante explorado, porém não é um tema novo. Segundo Luis Antônio Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais (GT) já tem pelo menos 25 séculos, isso se for considerado que sua observação sistemática iniciou-se em Platão.

Fazendo uma retomada histórica localizamos Aristóteles, que elaborou uma teoria mais sistemática sobre os GT e a natureza do discurso (*apud* Marcuschi, 2008, p. 147-149). Ele descreve três elementos que compõe o discurso:

1) Aquele que fala;
2) Aquilo sobre o que se fala e
3) Aquele a quem se fala.

Segundo o próprio Aristóteles, o mesmo discurso possui três tipos de ouvintes que operam:

1) Como espectador que olha o presente;
2) Como assembléia que olha o futuro;
3) Como juiz que julga sobre coisas passadas.

A partir da dimensão temporal do discurso (presente, passado e futuro),
Aristóteles ainda associa três gêneros de discurso retórico:

1) Discurso deliberativo que servia para aconselhar ou desaconselhar, e voltava-se para o futuro por ser exortado por natureza;
2) Discurso judiciário com a função de acusar ou defender e reflete-se sobre o passado e o
3) Discurso demonstrativo com caráter epidítico, ou seja, de elogio ou censura, situando-se na ação presente.

Desta forma, segundo Aristóteles, havia o gênero judiciário destinado aos juízes, o deliberativo para a assembléia e o gênero epidítico ao espectador. Esta análise de Aristóteles foi bastante difundida durante a Idade Média. Atualmente, os inúmeros estudos voltados aos GT possuem uma perspectiva diferente da aristotélica. Assim, a expressão "gênero" é usada hoje de maneira cada vez mais freqüente e em um número de áreas cada vez maior. Para Candlin, citado por Marcuschi (2008, p. 148), trata-se de um conceito que achou o seu próprio tempo.

Como já mencionado anteriormente, há uma grande inquietação dos autores em agrupar os gêneros. Essa preocupação gira em torno dos critérios utilizados para a classificação. As tipologias mais complexas, segundo Marcuschi (2008), fundam-se em critérios situacionais: o tipo de atores sociais, as circunstâncias da comunicação, os papéis sociais, o canal utilizado e a temática. Porém, o foco desta pesquisa visa somente a importância desses gêneros para o desenvolvimento do discente.

A importância dos gêneros textuais

Segundo Marcos Baltar (2004), competência discursiva é a capacidade de mobilizar recursos de vários níveis para, através de um texto empírico, interagir sociodiscursivamente. Esses meios implicam o manejo de uma série de saberes, entre eles o conhecimento e a escola de gêneros textuais presentes nos ambientes. Essa afirmação implica à escola colocar o aluno diante das diferentes formas de discurso para torná-lo capaz de escrever e falar em meio a um campo formal ou informal.

Para Bakhtin (2000), a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas. Pode-se enumerar aqui alguns tipos de relação social de acordo com Bakhtin (*apud* Baltar, 2004, p. 63):

1) As relações de produção que ocorre nas usinas, nos ateliês, cooperativas agrícolas, etc..

2) As relações de negócio presenciadas nas administrações, organismos públicos, etc..

3) As relações do cotidiano, os encontros, as conversas na rua, nos bares, nas casas, etc..

4) As relações ideológicas, sendo o estrito senso nas propagandas, na escola, na ciência, na atividade filosófica sob todas as formas.

Bakhtin (2000), salienta de um modo especial, a heterogeneidade dos gêneros do discurso e aponta a escola como um lugar onde o aluno deve se deparar com essa heterogeneidade dos gêneros. É por este motivo que a visão das instituições, mais pontuadamente dos didáticos, devem ser repensadas e aprimoradas para que realmente essa realidade dos gêneros possa ser evidente.

Citou-se acima algumas das diferentes realidades sociais com que um indivíduo pode se deparar. Aqui, busca-se desenvolver esse estudo detendo-se no aspecto da competência escrita do aluno do Ensino Fundamental.

Os gêneros são responsáveis pela comunicação humana (Baltar, 2004) e, segundo Bakhtin (*apud* Baltar, 2004), os homens se comunicam entre si através de gêneros, não através de orações ou palavras, ou seja, são padrões comunicativos utilizados. Segundo Ferreira e Teberosky (1999, p. 205), aprende-se a escrever, copiando a escrita de outros, e na ausência do modelo, não há possibilidade de escrita. É preciso, então, utilizar os modelos de textos, os diferentes gêneros, diferenciando-os de acordo com suas características físicas e também ideológicas; esclarecer quando usar linguagem formal ou informal, as formas de tratamento, utilização das pessoas (1ª, 2ª ou 3ª); analisar a conjugação dos verbos, entre outros. Desta forma, as aulas de produção de texto tornar-se-ão mais eficazes em seu objetivo.

Marcuschi afirma que a língua se dá e se manifesta em textos orais e escritos ordenados e estabilizados em gêneros textuais para uso em situações concretas (*apud* Bagno, Gagné e Stubbs, 2002, p. 54).

De acordo com L. R. Vygotsky (1988) a tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em

campos diferentes. Indubitavelmente, pode-se direcionar esta afirmação de Vygotsky (1988) para o ensino dos diferentes gêneros textuais, já que deve ser desenvolvida no aluno a capacidade de se expressar em situações particulares, tais como saber escrever um discurso, uma fábula, uma narração, um telegrama, um ofício, entre outros. Essa tarefa não é fácil, mas se torna mais difícil quando em sala de aula não é transmitido de maneira clara ao discente que existem vários tipos de textos e que cada um é usado de acordo com a situação.

Vygotsky (1988) também aponta o que uma criança em idade escolar pode fazer hoje com o auxílio dos adultos. Desta forma, se ela é posta em contato com vários gêneros textuais desde cedo, terá oportunidade de desenvolver seu potencial lingüístico de modo diferenciado.

Ao obter contato com os GT, o aprendiz poderá produzir um texto com maior facilidade, pois construirá o seu discurso mediante alguns critérios já presentes em sua mente. O mesmo ocorrerá ao ler um texto, pois saberá o que foi levado em consideração para ser escrito. Há, portanto, o contexto de produção e o conteúdo temático do texto a ser produzido, definindo dois planos. Incluídos no primeiro plano estão os parâmetros do mundo físico em que o agente produtor precisa considerar (Baltar, 2004):

• O lugar de produção, ou o lugar físico onde o texto é produzido;
• O momento de produção, ou espaço de tempo durante o qual o texto é produzido;
• O emissor ou a pessoa que produz fisicamente o texto;
• O receptor ou a pessoa que recebe concretamente o texto.
• E o segundo plano, de acordo com Baltar (2004), está ligado às interações sociais que implicarão o mundo social com seus valores e contratos. Cria-se, assim, um mundo sociosubjetivo:
• O ambiente de interação (mídia, academia, política, escola, etc.);
• A posição social do emissor (professor, patrão, entrevistador, filho, pai, etc.);
• A posição social do receptor (interlocutor);
• O objetivo da interação.

Outro aspecto relevante é quanto ao suporte utilizado. De acordo com Marcuschi (2008), suporte de um gênero é um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de um gênero materializado como texto. Ele mesmo cita um exemplo bastante curioso:

"Raphael, te amo, me ligue o mais rápido que puder.
Te espero no fone 55 44 33 22. Évelin".

Se estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Raphael), pode ser um bilhete; se for passado pela secretária eletrônica, é um recado; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um telegrama. O conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte. Um suporte poderá vir em forma de um livro, de uma revista, um jornal, um outdoor e assim por diante.

Na produção de texto, no contexto de sala de aula, deve-se então orientar os alunos a respeito da maneira como ele deve produzir um texto nos diversos GT e suportes. Essa percepção só será possível pelo contato direto, sendo esta uma importante tarefa dada ao professor de produção de texto.

Baltar (2004) cita exemplos de suportes como o livro, o jornal, o computador, o folder, o manual de instruções e ainda agrega, por meio de um olhar mais profundo através da semiotização de um texto, a televisão, o cinema e o rádio como tipos de suporte textual.

Marcuschi (2008) ainda cita outros suportes convencionais tais como o rádio, o telefone, o quadro de avisos, o outdoor, o encarte, os luminosos, as faixas; e agrega também os suportes incidentais que, segundo ele, são meios casuais que emergem em situações especiais tais como a embalagem, pára-choques e pára-lamas de caminhão, roupas, o corpo humano, paredes, muros, paradas de ônibus, estações de metrô, calçadas, fachadas, janelas de ônibus e meios de transporte em geral.

No quadro a seguir exporemos as características lingüísticas de alguns gêneros utilizados na escola, baseados em Matos (2001).

Características linguísticas dos textos usados
História em quadrinhos: estrutura narrativa apresentada por meio de mensagem icônica e mensagem linguística. Textos sintéticos e diretos, apresentados em balões ou legendas. Há utilização de metáforas visuais.
Carta: estrutura narrativa argumentativa. Redigidos na 1ª pessoa do singular (individual) ou 1ª pessoa do plural (coletiva).
Bilhete: texto curto e objetivo. Estrutura narrativa ou argumentativa. Redigido na 1ª pessoa do plural (coletivo).
Notícia: relato de fatos de interesse e importância para a comunidade. Estrutura básica. Texto claro, enxuto e objetivo. Redigido em 3ª pessoa. Estilo formal, porém utiliza-se linguagem simples, próxima do cotidiano. As informações giram em torno das perguntas: o que, onde, quando, por que e para que.
Reportagem: contém informação precisa e objetiva do fato, relato das partes envolvidas e, às vezes, opinião de especialistas. Apresentam textos longos divididos em diversos capítulos, intercalados por intertítulos, melhorando a apresentação visual e facilitando a compreensão dos mesmos.
Legenda: possui a função de comentar foto ou desenho e atrair a atenção do leitor, sem ser redundante.
Receitas: possui a função de orientar a organização e realização de receitas, uso de jogos, montagem e uso de máquinas, aparelhos eletrônicos etc. Estrutura descritiva. Normalmente apresenta um texto dividido em dois blocos: a lista de elementos a serem utilizados (ingredientes, materiais) e o modo de realizar (instruções).

Poema: geralmente escrito em versos e com distribuição espacial particular com linhas curtas e agrupamentos em estrofes; dão relevância aos espaços em branco ao redor do texto, entre os versos ou blocos de versos ou ainda dentro dos versos (poesia contemporânea).
Parlendas: são ditos ou rimas, sem música, que têm a função de ensinar algo, divertir, entreter ou aquietar crianças, fixar números ou nomes, criticar alguém.
Trava-línguas: é um tipo de parlenda cujas palavras, expressões ou versos são, na maioria das vezes, de difícil pronúncia. Deve sempre ser dito com rapidez.
Acalanto: cantigas de berço que têm a função de ajudar a embalar e fazer adormecer as crianças. Possui monotonia melódica, frases longas e chorosas, uso frequente de interjeições.
Cantigas de roda: apresentam temas populares, rimas e rítmo bem definidos, cadenciado.
Conto popular: relato em prosa de fatos criados pelo imaginário coletivo. Não tem autor, tende para a magia, a fantasia. Sendo assim as pessoas, os lugares e as situações não se restringem a representar tipos ou situações reais.
Conto de fadas: tendência para a magia, o encantamento. As transformações ocorridas são produzidas por seres encantados, dotados de poderes sobrenaturais: fadas, magos, anões. Frequentemente usa-se a expressão "Era uma vez" demarcando o tempo e a expressão "E foram felizes para sempre" indicando final feliz.
Fábula: gênero literário baseado na fala de outros animais com o objetivo de transmitir um ensinamento, que é também chamado de moral da história.
Peça teatral: texto conversacional acompanhado de descrições e anotações para a composição de personagens, cenários, iluminação, vestuário etc. (texto produzido para ser falado). Há o uso da linguagem coloquial ou formal.

Todos os gêneros mencionados mereciam e renderiam uma análise aprofundada, porém dentre os gêneros textuais acima ressaltaremos aqui o gênero história em quadrinhos (HQ), também conhecido como quadrinhos ou tirinhas. Ler HQ é bastante prazeroso, pois possui uma linguagem curta e normalmente simples e abrange, também, o campo da linguagem imagética que atua no desenvolvimento cognitivo do leitor. O quadro acima, baseado em Matos (2001), pontua o uso de uma grande variedade de recursos, tais como metáforas, onomatopéias, estrutura narrativa apresentada por meio da mensagem icônica e lingüística, balões de diferentes tipos, letras com espessuras diversas ligadas a ações e sentimentos expressos pelos personagens.

Segundo Ramos (2006), o gênero HQ é considerado pelos Parâmetros Curriculares Internacionais (PCNs) como um texto adequado para se trabalhar a oralidade e a escrita. Ainda reforça que nos quadrinhos o leitor pode desenvolver sua capacidade de interpretação, pois a estrutura deste gênero textual é muito próxima da oralidade. Sendo assim, ao ler, o aluno consegue identificar quem está falando, o assunto que se está falando e para quem se está falando.

História dos quadrinhos

As histórias em quadrinhos surgiram no início do século 20. Isso favoreceu na comunicação de idéias, interesses políticos e sociais, pois logo se tornou parte da cultura de massa. Dentre os pioneiros está o brasileiro Ângelo Agostini e, segundo Jarcem (2007), Richard Fenton Outcalt é considerado por muitos o primeiro a escrever uma história em quadrinhos, com a introdução dos balões em *The Yellow Kid*, em 1896, nos Estados Unidos. Foi na década de 1950 que as HQ tomou um aspecto intelectual.

No Brasil, há muitos autores e vários estilos, dentre eles podemos destacar o autor Ziraldo Alves Pinto, que criou O Menino Maluquinho. Seu sonho, sempre foi escrever para crianças e, embora influenciado por acontecimentos políticos da época, dedicou grande parte de seus textos para as histórias infantis. No site http://www.ziraldo.com.br/, há histórias em quadrinhos de O Menino Maluquinho. Estas, em sua maioria, vêm com um fundo moral, característica marcante dos textos de Ziraldo. Em O menino Maluquinho, o autor trata de assuntos diversos como os valores, a importância da educação e esporte para as crianças.

Voltando-se para a concepção de gênero textual, os quadrinhos têm uma dupla função. De acordo com Magalhães, Coracini e Grigoletto (2006), os materiais didáticos mais sofisticados também exploram ao máximo o recurso da cor. Ao escrever este conceito, os autores estavam se referindo aos materiais virtuais. No entanto, vamos relacionar, aqui, a cor utilizada nos sites de educação virtual aos livros didáticos coloridos impressos. De acordo com Magalhães, Coracini e Grigoletto, a variedade de cores ajuda a ficar gravado na mente o que foi visto nos sites, e assim, as cores e formas dos quadrinhos podem ajudar na memorização e interesse dos alunos ao manusear um didático.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), em seu artigo 3º, inciso I, um dos princípios do ensino é garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Portanto, garantir formas de aprendizado que motivem o aluno e que facilitem a aquisição de conhecimentos, de modo que o estudante obtenha um resultado satisfatório, é também uma maneira de garantir a permanência desse aluno na escola e, conseqüentemente, permitir-lhe dar continuidade a seus estudos, o que está contemplado na LDB, tanto no Art. 22º, como no Art. 35º, inciso I. (*apud* http://www.cbpf.br/~eduhq/html/projeto/justificativa/justificativa.htm).

No site www.cbpf.br/~eduhq há um projeto que se intitula Oficina de Educação Através dos Quadrinhos. Neste site, utilizam-se os quadrinhos como ferramenta para o ensino de diversos conteúdos em diversas matérias e mostram como utilizá-los. Segundo o projeto, é uma maneira de tornar qualquer conteúdo mais acessível, ou seja, tornar a educação mais igualitária. Alfredo Marques, físico do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e participante do projeto, ainda afirma que os quadrinhos são um importante instrumento de comunicação científica, uma verdadeira revolução, se comparada aos métodos convencionais de divulgação.

Áreas de abrangência do projeto

Artes Plásticas	Física	Meio Ambiente
Astronomia	Folclore	Método Científico
Biologia	Geografia	Paleontologia
Cosmologia	História	Química
Crítica à Escola	História da Ciência	Saneamento
Drogas	Humor	Saúde Pública
Educação	Informática	Sexo
Educação para o Trânsito	Língua Portuguesa	Sociologia
Exclusão Digital	Literatura	Transgênicos
Filosofia	Matemática	Fonte: www.cbpf.br

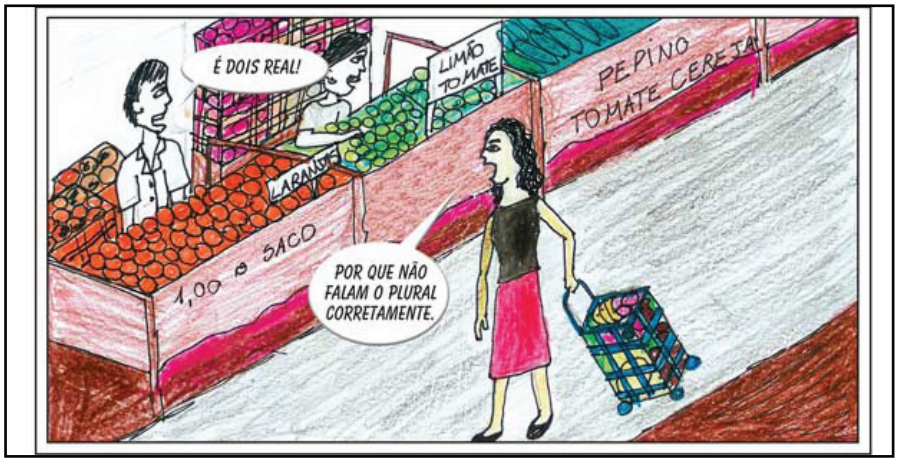


Figura 1

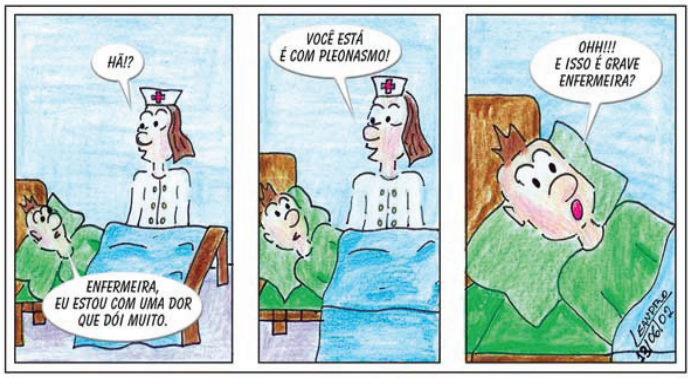


Figura 2

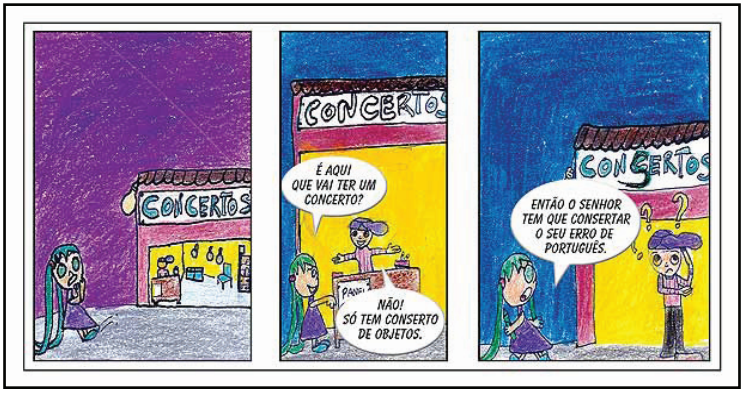


Figura 3

Além de uma linguagem concisa e direta, os quadrinhos, que antes eram considerados apenas um material de cultura de massa, hoje é um recurso eficaz na educação, um campo rico e possível de ser explorado. A estrutura dos quadrinhos dinamiza a didática do conhecimento e, se bem trabalhadas, as HQ garantem ao aluno noção de gênero textual, como também atuação no desenvolvimento de sua capacidade interpretativa que será acompanhada da linguagem não-verbal, a imagética.

Histórias em quadrinhos e o desenvolvimento da leitura e da escrita no aluno

As HQ são bastante ricas em recursos metalingüísticos e, como já foi mencionado anteriormente, os mestres da língua podem trabalhar em sala de aula, principalmente com os alunos do Ensino Fundamental que estão em um período de maior desenvolvimento cognitivo.

Amélia Fernandes Cândido, mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, afirma que a tríplice convergência entre as linguagens verbal, visual e simbólica

pode auxiliar o leitor a desenvolver a capacidade de leitura e de interpretação. Pode levá-lo a aplicar esse novo conhecimento na produção de seus textos.

É certo que o próprio Vygotsky (1988) alerta quanto à importância do conhecimento pré-escolar, mas é na escola que os discentes encontram-se com profissionais que deveriam estar preparados para auxiliá-los em seu desenvolvimento.

Vygotsky (1988, p. 99) menciona um de seus experimentos, em que ele indaga como a criança aprende a contar. Ele observa que a criança incapaz de contar abstratamente ou lidar com o auxílio de números elabora pequenas técnicas auxiliares que a habilitam a resolver o problema. A forma arquitetada por ela era-lhe inteligível e se ajustava a seus propósitos, operava com algo que estava familiarizada, ao invés de realizar com questões difíceis e estranhas.

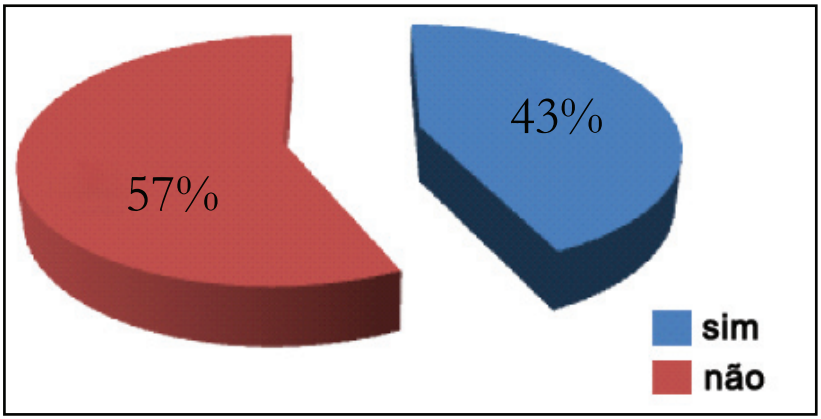
O que se propõe, aqui, é começar com algo mais simples, visível e, ao mesmo tempo, algo que auxilie o aluno no percurso para uma leitura ou escrita mais complexa.

Pesquisa de campo

Em um levantamento realizado no dia 01 de agosto de 2008 na cidade de Tangará da Serra – MT, objetivou-se descobrir a relação que há entre um aluno que lê histórias em quadrinhos e um aluno que não as lê. Em seguida, esses dados são relacionados ao seu desempenho na interpretação e produção de texto. Nesta pesquisa, os alunos são questionados quanto à dificuldade para escrever um texto. Cerca de 43% responderam que possuem dificuldade de escrever um texto e 57% responderam negativamente. Dos 43%, aproximadamente 61% não haviam lido nenhuma HQ durante este ano. Vale ressaltar que esses 61% também não haviam lido nenhum livro nesse mesmo período. Os outros 39% leram até um livro e, em média, sete histórias em quadrinhos também nesse primeiro semestre. As dificuldades mais citadas são começar o texto, colocar um título, organização das idéias, interpretação e argumentação.

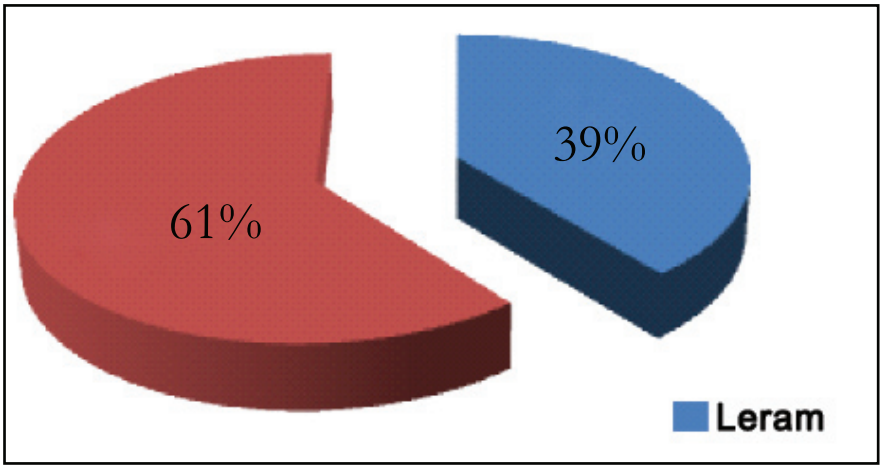
Observe os dados nos gráficos a seguir:

1ª Pergunta: Você possui dificuldades para escrever um texto?



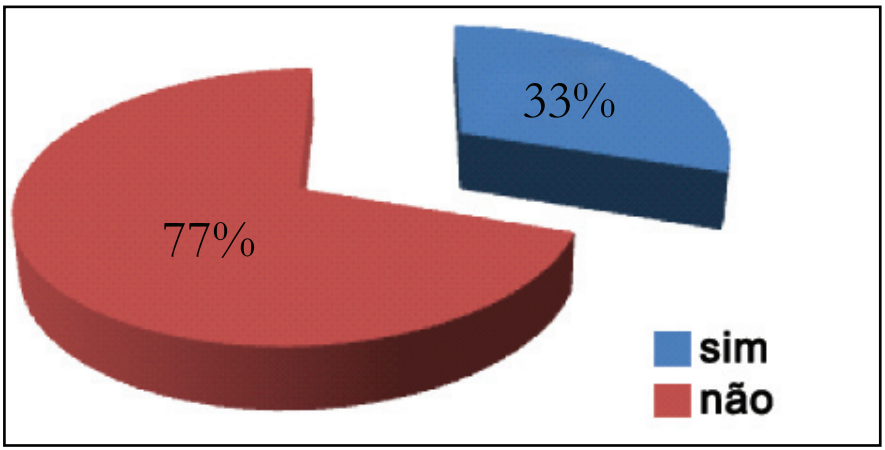
Dentre os 57% que afirmaram não possuir dificuldade para escrever um texto, todos já leram no mínimo dez histórias em quadrinhos e um a dois livros até o último mês de agosto.

1.1 Pergunta: Já leu alguma história em quadrinhos neste ano?



Na segunda pergunta, o livro didático foi enfatizado. Perguntou-se aos alunos se eles tinham dificuldades para entender os textos do livro didático. Aproximadamente 33% afirmaram ter dificuldades para entender os didáticos. Um número considerado alto. E, ao serem inquiridos a respeito das HQ mais comuns entre eles, foram citadas Turma da Mônica, Batman e Homem-Aranha. Ao indagar o porquê do interesse pelos quadrinhos, eles responderam que era pela linguagem fácil e pelo humor agregado.

2ª Pergunta: Você tem dificuldade para entender os textos do livro didático?



Neste levantamento, foi objetivo, também, saber a freqüência das aulas de leitura e interpretação de texto. Os alunos responderam que essa classe é dada de três a quatro

vezes por semana. A preocupação ao analisar essa informação foi saber como essas aulas estão sendo ministradas. Outro ponto preocupante foi a quantidade de erros ortográficos observados no questionário em questão, reflexo da falta de leitura que possuem. Há entre esses alunos um déficit de leitura muito grande. Muitos até relataram que quando leem é porque são obrigados. Os alunos não se interessam, muitas vezes, nem pela leitura de HQ que é considerado um gênero atrativo e dinâmico.

Não é o objetivo desta pesquisa com os alunos pontuar as questões socioculturais, mesmo que sejam de muita importância, mas sim apontar os quadrinhos como método eficaz que garanta reintegração e desenvolvimento da leitura e da escrita.

Dentro desse levantamento, um projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Amaro Rodrigues, em Artur Nogueira - SP. Neste projeto, trabalhou-se com alunos do Ensino Fundamental de 5ª e 6ª séries. Durante dois meses, os alunos foram acompanhados nas aulas de reforço que aconteciam em cada turma, uma vez por semana. Neste período, foi possível trabalhar os gêneros textuais tais como fábula, poema, notícia, carta e o gênero HQ que foi estudado durante duas semanas.

No primeiro encontro, constatou-se que os alunos possuíam pouca capacidade para a compreensão de texto e pouca familiaridade com os gêneros textuais. Eles apresentaram também, pouco interesse pela leitura e produção de textos. Ao trabalhar HQ com a classe, foram analisados os possíveis caminhos para se interpretar o contexto de cada história e suas principais características; depois disto, os alunos produziram sua própria HQ. Percebeu-se que a imagem e as figuras facilitaram na interpretação da mensagem contida no texto e, por possuir uma linguagem rápida e clara, o texto dos quadrinhos prendeu a atenção dos alunos que demonstraram maior compreensão e interesse ao interpretar e ao identificar as metáforas, as onomatopéias, os personagens, enfim, os elementos contidos.

Considerações finais

Constata-se que o tema gênero textual é um campo bastante amplo. Ao estudar especificamente o gênero história em quadrinhos, percebemos quão importante ele pode se tornar no ensino de leitura e produção de texto. Além de ser considerado um meio eficaz para o desenvolvimento da leitura e da escrita, os quadrinhos, de acordo com as pesquisas que realizamos, também auxilia o aluno no desenvolvimento de sua oralidade.

Pode-se afirmar que os gêneros textuais fazem parte de uma inovação que merece uma atenção especial por parte dos editores dos didáticos, como também dos professores que estão em contato direto com os alunos, neste caso do Ensino Fundamental. É, sem dúvida, um campo possível de ser explorado.

No levantamento realizado em nosso estudo percebemos que tanto na Escola Estadual Laura Vieira, em Tangará da Serra - MT, quanto no projeto na Escola Estadual Amaro Rodrigues, em Artur Nogueira – SP, há um déficit de leitura muito grande por parte dos alunos. Acredita-se que deveria haver maior incentivo para leitura, principalmente nestas séries iniciais, momento em que os alunos estão formando seus hábitos acadêmicos.

As histórias em quadrinhos podem ser ferramentas para este incentivo. Exemplo disso, foi o despertar dos alunos ao trabalhar este gênero no projeto na escola em Artur Nogueira.

Durante a pesquisa percebeu-se a quantidade de trabalhos acadêmicos relacionados a este assunto que foram publicados recentemente, e que muito favoreceram para este ensaio. Nestas bibliografias verificamos as grandes potencialidades dos quadrinhos. Com uma linguagem rápida e dinâmica possui condições necessárias para desenvolver o interesse dos alunos a fim de que tenham maior apreço para leitura.

Esse gênero textual, história em quadrinhos, deve ser mediado pelo professor. Em sala de aula, a linguagem, além de ser um objeto e um objetivo de aprendizagem, constitui um meio privilegiado de treinamento. (Bagno; Gagné e Stubbs, 2002, p. 194). O diálogo com o professor pode ser a experiência mais importante para o desenvolvimento do pensamento e constitui, por conseguinte, um instrumento precioso de ensino e aprendizagem.

Por fim, constatamos que as HQ oferecem condições para este desenvolvimento da criança no Ensino Fundamental e que podem servir de ponte para uma leitura de textos mais densos posteriormente, escritos estes, com linguagem imagética reduzida. Os quadrinhos podem, então, ser uma importante ferramenta no despertar para a leitura e no gosto pela escrita.

Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é Por Acaso: Por uma pedagogia da variação lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles e STUBBS, Michael. **Língua Materna: Variação e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, p. 51-58, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BALTAR, Marcos. **Competência Discursiva e Gêneros Textuais: Uma experiência com o jornal de sala de aula.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

CÂNDIDO**,** Maria Amélia Fernandes. **Mais Além: A especificidade da literatura infantil como instrumento de estímulo ao desenvolvimento da linguagem.** Disponível em http://blog.cancaonova.com/sergiofernandes/2007/08/30/mais-alem-a-especificidade-da-literatura-infantil-como-instrumento-de-estimulo-ao-desenvolvimento-da-linguagem/.

Educacional a internet na educação. Disponível em: http://www.ziraldo.com.br/. Acesso em 29 de setembro de 2008.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1999.

História das Histórias em Quadrinhos. Disponível em: http//www.linguagensdesenhadas.com/estudos.html. Acesso em 29 de setembro de 2008.

História, imagem e narrativas. N. 5, Ano 3, setembro de 2007. Disponível em: http://www.historiaimagem.com.br. Acesso em 04 de setembro de 2008.

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 8ª edição, 2005.

MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M., (org). **Práticas identitárias: língua e discurso.** São Carlos: Claraluz, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: Novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer.** Cuiabá: Seduc, 2000.

MATOS, Magda Diniz. **Na Trilha do Texto: Atividades sociointeracionistas em língua portuguesa.** São Paulo: Quinteto Editorial, 2001 – Coleção na trilha do texto.

MUCMURRY, Charles A. **Special Methods in History**. EUA: The Macmillan Company, 1921.

Oficina de Educação através das histórias em quadrinhos. Disponível em: http://www.cbpf.br/~eduh. Acesso em 04 de setembro de 2008.

PUC-SP. Disponível em: www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/ramos.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2008.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo: Ícone – Editora da Universidade de São Paulo, 1988.